

SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXIX SIC

UFRGS
PROPESQ



múltipla 
UNIVERSIDADE
inovadora  inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale
Título	Apreensão da paisagem e crítica ambiental: diálogos entre a tradição e a contemporaneidade a partir da obra de Maria Graham e Claudia Hamerski
Autor	DIEGO RAFAEL HASSE
Orientador	EDUARDO FERREIRA VERAS

Apreensão da paisagem e crítica ambiental: diálogos entre a tradição e a contemporaneidade a partir da obra de Maria Graham e Claudia Hamerski

Diego Rafael Hasse

Orientador: Professor Dr. Eduardo Ferreira Veras
Instituto de Artes – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Vive-se em um mundo marcado pela destruição. Espécies animais e vegetais desaparecem constantemente, outras parecem condenadas ao mesmo destino. Derivadas da acentuada mudança climática e de outras interferências, catástrofes ocorrem a todo o momento. O planeta está imerso em uma grave crise ecológica. Em 1821, a “artista viajante” Maria Graham (Papcastle, 1785 – Londres, 1842) desenhou a *Árvore do Dragão em Tenerife*, inserindo nela o que chamou de “a data do desastre”, referindo-se ao ano de 1819, em que metade de sua copa caiu e sua própria existência entrou em colapso. Esse registro pode evidenciar uma preocupação com o meio natural? Quando, em 2016, Claudia Hamerski (Seberi, 1980) transforma a parca vegetação que encontra nascendo em meio às fendas do concreto, resistindo ao caos urbano, em paisagens super-ampliadas, estaria ela, também, a partir de sua poética, desenvolvendo um ato político, com caráter de crítica ambiental?

Durante o período que esteve aqui no país, Graham escreveu relatos e produziu desenhos que foram agrupados sob o título de *Diário de uma viagem ao Brasil*. Na fase inicial desta pesquisa, realizou-se uma busca por estudos já empreendidos sobre a artista, percebendo que a maioria deles tinha como objeto seus relatos escritos. Vários autores mencionam sua atividade enquanto artista como sendo uma ocupação secundária – entendem seus desenhos como simples registros de catalogação botânica. Em contraponto, o foco desta investigação está nas imagens produzidas por ela, observando seu olhar à paisagem. Como estratégia teórica, partiu-se da abordagem sugerida por W.T.J. Mitchell, no livro *Landscape and power* – retomada por Cláudia Valladão de Mattos, quando ela estende essa noção e aplica-a às paisagens feitas no Brasil –, buscando olhar sua produção artística dentro de uma chave política.

O presente trabalho está inserido em um projeto de pesquisa maior, intitulado *Artistas viajantes: itinerários entre o passado e a contemporaneidade*. Ancorado na metodologia do anacronismo histórico proposta por Georges Didi-Huberman, a partir da releitura que ele faz do historiador alemão Carl Einstein, propõe-se estudos de caso que estabeleçam conexões entre a produção artística contemporânea e o legado dos “artistas viajantes” que aqui estiveram entre os séculos XVI e XIX. Por conseguinte, procurou-se estabelecer diálogos entre a obra da artista inglesa e trabalhos temporalmente próximos a nós, tendo em vista o crescente número de artistas que, em múltiplos meios, suportes e linguagens, apreendem a paisagem e têm suas poéticas atravessadas por questões críticas em relação ao meio-ambiente.

A proposta aqui apresentada busca conexões entre a obra de Maria Graham e a de Claudia Hamerski. Foram observados os desenhos da artista contemporânea, seu processo criativo e relatos coletados a partir de uma entrevista. A comparação entre a poética de duas artistas que, em diferentes tempos, podem suscitar uma preocupação similar, corrobora com o pensamento de uma História da Arte anacrônica, relativizando o *modus operandi* mais tradicional dessa disciplina, de estudos lineares e cronológicos. A investigação lança olhar para o tensionamento entre o campo das artes visuais e as preocupações ecológico-ambientais – abordagem incipiente aqui no país. Ainda, é possível considerar outras formas de deslocamento como ampliação do conceito de “artista viajante”, o que acaba redimensionando a historiografia da arte sobre esse tema.